

EMOÇÕES E SENTIMENTOS DE (IN)JUSTIÇA NO PROCESSO DE MUDANÇA/RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS DOS BARRAQUEIROS NA PRAIA E DE MORADORES DE FAVELAS NO RIO DE JANEIRO

Caterine Reginensi

Doutora em sociologia, HDR/ Livre docência em antropologia urbana Universidade de Toulouse, França. Pesquisadora visitante do CNPq, Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Brasil.

Emotions and feelings of (in)justice in the process of change / resistance: experiences of informal vendors on the beach, and slum residents in Rio de Janeiro

Emociones y sentimientos de injusticia en el proceso de cambio / resistencia: experiencias de vendedores ambulantes en la playa, y residentes del barrio en Río de Janeiro

Artigo recebido em: 09/09/2016

Artigo publicado em: 15/12/2016

RESUMO

Com base em trabalhos etnográficos realizados em três locais diferentes da metrópole do Rio de Janeiro, entre 2005 e 2010, o presente artigo aborda o que se chama de emoções (medo, raiva, vergonha, ódio, amor, indignação, sentimento de (in)justiça, que não podem ser analisadas como simples sensações. O texto visa evidenciar o caráter social das emoções e observar a capacidade de diversos atores a avaliar situações de conflito a partir do uso de emoções. Pretendemos abrir uma discussão sobre o papel das emoções nos processos de mudança e de resistência.

Palavras-chave: emoções, mudança, experiências urbanas.

RESUMEN

Basado en el trabajo etnográfico realizado en tres lugares diferentes de la metrópolis de Río de Janeiro entre 2005 y 2010, este documento se refiere a lo que se llama emociones (miedo, ira, vergüenza, odio, amor, ira, sentimientos de in(justicia), que no pueden ser considerado como sensaciones simples. El texto tiene por objeto subrayar el carácter social de las emociones y observar a capacidad dos actores para evaluar situaciones de conflicto. Tenemos la intención de abrir un debate sobre el papel de las emociones en los procesos de cambio y la resistencia.

Palabras Clave: ciudad, postconflicto, Colombia

ABSTRACT

Based on ethnographic work carried out in three different places of the metropolis of Rio de Janeiro between 2005 and 2010, this paper addresses what is called emotions (fear, anger, shame, hate, love, anger, feelings of (in) justice), which cannot be regarded as simple sensations. The text aims to underline the social character of emotions and observe the ability of various actors to assess conflict situations from the use of emotions. We plan to open a discussion on the role of emotions in the processes change and resistance.

Keywords: emotions, change, urban experiences.

GEOGRAFARES 

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho - Dezembro, 2016

Nº 22 - Volume 1

ISSN 2175 -3709

Introdução

A metrópole do Rio de Janeiro é testemunha privilegiada de importantes mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que marcaram as últimas décadas. Delineou-se uma organização sutil dos espaços, indicando complexos mecanismos de troca atrelados à fragmentação das áreas de atividades econômicas e culturais na cidade.

Com a candidatura vitoriosa do Rio de Janeiro a sede da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016, a metrópole tornou-se objeto de diferentes intervenções. Especial cuidado foi tomado com a segurança, com a instalação de Unidades de Polícia Pacificadora em favelas. No intuito de retirar focos de criminalidade ainda está sendo implementado, nos espaços públicos, o Programa Choque de Ordem, visando remover vendedores ambulantes, barraqueiros da praia, mendigos, moradores de rua.

A cidade do Rio de Janeiro está se tornando um laboratório de intervenções urbanísticas nos últimos anos, tendo como perspectiva temporal a efemeridade dos grandes eventos internacionais. A monumentalidade das intervenções responde à necessidade de transformar a própria cidade em produto a ser vendido para atrair investimentos internacionais.

Nesse contexto, desenvolvemos diferentes pesquisas¹ com abordagem etnográfica, para a maior parte (REGINENSI, 2012, REGINENSI e BAUTÈS, 2013). Os lugares escolhidos foram à praia de Copacabana, a floresta da Tijuca (Vale Encantado) e o Morro da Providência, na zona portuária. O partido adotado, ao longo do tempo, foi o de pensar esse contexto a partir da "cidade ordinária" (ROBINSON, 2006: p. 1). Assim, pensar a cidade de forma ordinária permitiria propor novos modelos urbanos que não estejam limitados aos modelos apregoados por algumas poucas cidades do mundo. No mundo das cidades ordinárias, de acordo com Robinson, modelos únicos não existem. As cidades são diversas e são produtos, em uma perspectiva histórica, da criatividade de seus cidadãos.

A autora alerta para o perigo inerente à hierarquização das cidades, que as classifica por grau de desenvolvimento alcançado. Se a proposta de Robinson se refere de maneira específica às diferentes categorias de cidades e remete a uma leitura pós-colonial dos estudos urbanos, o

olhar que ela coloca sobre o urbanismo ajusta-se plenamente à questão que nos interessa aqui, na medida em que atende a exigência de uma análise do fenômeno urbano pautada pela complexidade e a diversidade da vida urbana.

Este olhar nos convida a seguir os itinerários criativos dos habitantes das cidades em suas práticas sociais de apropriação e produção da cidade. Isso nos permite também procurar maneiras diferentes de analisar a dinâmica urbana, demonstrando assim tratamentos inéditos das especificidades destes espaços, e acolhendo-os, sobretudo, como elementos singulares em vez de qualificá-los depreciativamente como elementos ilegais, marginais ou insustentáveis.

É necessário reconhecer estas diferenças antes como diversidades que como elementos justificando uma divisão hierárquica das cidades. Tal lógica, no contexto do estudo dos projetos e das práticas de desenvolvimento urbano, sugere a necessidade de se colocar a reflexão urbanística não em uma perspectiva desenvolvimentista, mas numa perspectiva principalmente atenta à dimensão cultural dos processos econômicos. Este interesse nos leva a considerar a maneira como modos de vida urbanos distintos tornam-se interessantes estratégias de ação que permitem reconhecer as capacidades criativas dos indivíduos. Do ponto de vista dos agentes públicos, responsáveis pela definição das políticas urbanas, considerar as cidades como lugares vitais e dinâmicos, onde os cidadãos modelam futuros criativos e autônomos oferece maior possibilidade para se implementarem intervenções efetivamente criadoras para atender as necessidades locais.

O presente artigo propõe uma discussão que trata das emoções (medo, raiva, vergonha, ódio, amor, indignação, sentimento de injustiça) expressadas pelos entrevistados ao longo das pesquisas; algumas considerações finais realçarão o caráter social e público das emoções.

Pretendemos abrir uma discussão sobre o papel das emoções nos processos de mudança e de resistência. A partir das primeiras reflexões e dos casos em análise, é uma orientação para o debate e um posicionamento de pesquisa.

Quando e como as emoções chegam? Revisitando três locais de pesquisa

1. Choque de Ordem, mudança e resistência na Orla

Uma frequentadora da praia de Ipanema e jogadora de uma rede de vôlei de praia contou como foi a mudança:

A gente chegou aqui num domingo e... onde tá o Henrique, não tinha barraca, não tinha cadeira, não tinha nada e a gente ficou meio sem saber o que tinha acontecido. Aí ele chegou aqui sem nada e trouxe a notícia de que a Prefeitura estava lançando um projeto de Choque de Ordem na praia, que ia haver um remanejamento dos barraqueiros e tal, e que aí eles foram chamados pra uma reunião e nessa reunião ficou, foi mostrado pra eles um mapa que foi feito da praia, um mapeamento que foi feito deles, quem tava regular, quem estava irregular, e foi explicado que os irregulares não poderiam mais trabalhar, que os regulares que tivessem mais de 65 anos ou sem antecedentes criminais continuariam nos seus devidos lugares, mas que os outros todos seriam remanejados....

Logo depois dessa primeira frase, a frequentadora, contou como os frequentadores passaram da indignação para a mobilização:

... todo mundo conhece ele, tentou de várias formas ajudá-lo. Uns tinham alguns contatos na Prefeitura e procuraram esses contatos, explicou o caso do Henrique, outros passaram e-mails incansavelmente para o Rodrigo Bêthlem que é o responsável por esse projeto, nós vendemos, ajudamos o Henrique, a gente pediu pra ele trazer um isopor com bebidas pra que nós vendêssemos aqui pra ele pras pessoas que estavam acostumadas a comprar dele. É uma forma que a gente arrumou de tentar ajudar nesse período, né? E aí depois de uma semana, dez dias mais ou menos, eles foram chamados novamente pela Prefeitura e o Rodrigo Bethlem esclareceu, ele até foi, ele até foi interessante, o Henrique disse que ele, falou assim: "Olha, eu sou ser humano e os seres humanos são passíveis de erro e eu errei, eu queria aqui tentar consertar o meu erro...E já tem duas semanas mais ou menos que o Henrique voltou pra trabalhar aqui.

A situação aqui descrita está inserida no cenário de atuação dos barraqueiros das praias e da operação Choque de Ordem, entre o final de 2009 e início de 2010.

Os barraqueiros (774 barracas do Leme ao Pontal e aproximadamente duzentas barracas em Copacabana) são regidos por normas de uso do espaço que limitam o número de cadeiras e guarda-sóis e que os obrigam a estar presentes no local e nos horários estipulados. Na prática, não é bem assim e a fiscalização não opera de maneira muito rígida, no

que diz respeito aos horários e à presença efetiva dos barraqueiros.

No intuito de compreender a operação Choque de Ordem, desde dezembro de 2009 observei e entrevistei vários atores da praia de Ipanema onde iniciou a Operação: o delegado da Polícia Civil, coordenador da Operação, frequentadores da praia de Ipanema, e três barraqueiros. Depois observei e entrevistei barraqueiros em Copacabana, registrando com fotos e filmes as barracas antigas e as novas². Estes depoimentos foram complementados pela leitura da mídia entre outubro de 2009 e fevereiro de 2010.

O Choque de Ordem na praia significou mudanças materiais e proibição de comportamentos, mais fiscalização. Assim destacam-se os seguintes elementos principais:

- A barraca e suas novas características: feita de alumínio tubular, a tenda de 3x3 metros, nas cores branco e azul, foi inspirada da gaivota. O custo fica em torno de R\$2 mil e deverá ser pago pelas associações de barraqueiros que formaram consórcios em parceria com a iniciativa privada. As associações deverão oferecer plano de saúde para a categoria.

- O isopor é substituído até por caixas isotérmicas.

- As propagandas (marcas de bebidas ou de outras empresas) são proibidas, sendo a única marca permitida a do Rio 2016.

- A fiscalização se intensifica, com 400 homens da guarda municipal e do controle urbano, com apoio da vigilância sanitária.

Além das barracas, o Choque de Ordem visa cadastrar 1.570 ambulantes. A Prefeitura reconhece que este recadastramento é lento e que em Outubro, quando foi iniciada a Operação, apenas 300 vendedores se apresentaram.

Por fim, os banhistas também estão na mira do Choque de Ordem nas praias: proibição de jogo com bola na faixa da areia próxima à água.

Sem dúvida foi a limitação de número de autorizações por cada praia que fez o clima esquentar nas praias (entrevista de Paulo Juarez - o Paulinho, - Presidente da Ascolpra - Associação do Comércio legalizado das praias, na revista Onda Carioca, Outubro de 2009, p. 14-16: *Do Leme ao Leblon, temos em torno de 390 barraqueiros que o edital limitou o número a 300 autorizações.*

Os barraqueiros entrevistados pela re-

2- Vídeo Outro Rio, <http://youtu.be/Lbq3sk1ZsE0>, acesso em 12-03-2015.

vista, e também alguns durante o trabalho de campo da minha pesquisa, ressaltaram que dependem da barraca para viver e que estão nela todos os dias; alguns falaram sobre manobras: *a pessoa que transferiu a licença perderá a autorização e aquele que tem licença, mas nunca vai à praia e coloca alguém na barraca?*

Nesse cenário de Choque de ordem, as emoções recolhidas, tanto na fala de barraqueiros e seus representantes (Presidente da associação, advogado) como nas entrevistas dos frequentadores, dividem-se em quatro sentimentos principais: raiva, indignação, sentimento de injustiça e, por fim, medo. Os barraqueiros falaram em injustiça e medo. O medo de não saber o que pode acontecer com esse Choque de Ordem foi enfatizado na maioria das entrevistas com barraqueiros. Sublinharam que embora tenham sido informados periodicamente, chamados para reuniões, o novo padrão de barraca lhes foi imposto; o medo chega e se propaga no universo da praia sempre através de rumores ou boatos. Os rumores ou lendas urbanas correspondem à verbalização de medos, preconceitos ou pressupostos culturais, e são muitas histórias curtas contadas como verdadeiras (Renard, 1999). Assim os megaeventos habitam o imaginário urbano e alimentam os atores da praia, por exemplo: espalhou-se pela praia o boato de que os barraqueiros deveriam pagar mil reais do próprio bolso pela nova barraca se, gerando um sentimento de medo entre os barraqueiros. A informação nunca se confirmou.

Vale ressaltar que as trajetórias de vida dos barraqueiros - observadas entre os Postos 5 e 6 ao longo de mais de 5 anos - possuem algumas semelhanças entre si: a maioria deles são aposentados (se situam na faixa etária entre 62 e 75 anos, idade na qual qualquer mudança resulta difícil); alguns trabalharam com vendas, de carteira assinada, outros na informalidade como camelôs nas ruas ou na praia. Entre os Postos 5 e 6, a maioria mora na favela do Pavão Pavãozinho - Cantagalo, e gosta de trabalhar na praia, porque é perto do lugar de moradia e se consideram como autônomos. Outros que não moram no morro, alugam um conjugado nas ruas de Copacabana, perto do ponto que ocupam na praia, e também valorizam esta proximidade domicílio-trabalho. Como chegaram a ficar no ponto? Com a ajuda de um membro da família, ou de um amigo. Conseguem se manter lá tirando licença na prefeitura. Alguns deles se assustaram

no início do Choque de ordem, e pensaram, inclusive, que essa licença poderia ser retirada. Com isso, o sentimento de viver essa situação de mudança como uma injustiça ficou predominante na fala dos barraqueiros.

A indignação marca os depoimentos dos frequentadores que, como foi relatado no exemplo acima, passaram da indignação para uma ação de solidariedade até o barraqueiro voltar ao seu ponto. Cabe frisar que cada praia do Rio de Janeiro tem a sua especificidade, e a praia de Copacabana, por exemplo, torna-se um cenário "proibido" para qualquer mudança no período do Réveillon. Foi por isso que Ipanema foi escolhida para teste da implementação da operação Choque de Ordem; em dezembro de 2009. De fato, na praia de Copacabana, os sentimentos de injustiça e medo, começaram a se expressar a partir dos protestos que surgiram no recadastramento dos barraqueiros realizado pela Prefeitura, e quando a Secretaria de Ordem Pública acabou mudando de ponto alguns antigos barraqueiros, gerando reações de barraqueiros e frequentadores na praia de Ipanema. Quando o Choque de Ordem se implementou na praia de Copacabana, o recadastramento não provocou reações, mas sim a nova barraca, a imposição da cor vermelha para o guarda-sol, a intensa fiscalização e as multas que geraram um sentimento de profunda injustiça. A obrigação de se adequar, como mostra o exemplo a seguir, constrói o sentimento de injustiça:

Mamá, barraqueira no Posto 5, vai ter que tirar toda a propaganda dos guarda-sóis, e colocar guarda-sóis e cadeiras da cor vermelha (cor imposta), além de ter que trabalhar com 60 cadeiras e 30 guarda-sóis, quando tinha umas cem cadeiras e oitenta guarda-sóis; Ela também vai receber uma nova barraca com uma faixa indicando Barraca da Mamá e um novo número, o 157. A pesar de gostar do novo layout, acha a barraca muito complicada de montar e desmontar:

Para barraqueiro trabalhar, principalmente mulher, é muito difícil, muito pesada, muito complicada... pra trabalho, pro dia a dia, pra carregar, pra montar e desmontar tá muito difícil, muito trabalhosa.

(...) eu fui numa reunião da associação, que

2. Remoção é crime social! no Vale Encantado³

Outro lugar de pesquisa, no mesmo período como visitante, foi a comunidade do Vale Encantado, situada no Alto da

muitas mulheres de Ipanema que estavam na reunião reclamaram que já tinha o vento, tinha virado, tinha machucado pessoas na praia, disse que muito perigosa essa barraca porque ela, não sei o que aconteceu, mas falaram que voou,

que já aconteceu de quebrar, eles falaram que se quebrar é R\$100,00 que tem que pagar pra fazer a solda, qualquer coisa é caro e nós é que temos que pagar tudo.



Figura 1: Antigo e novo padrão de barraca ©CReginesi, 1/04 /2008, 28/08/2012

E a barraqueira concluiu: *acho injusta toda essa situação que estamos passando.*

Boa Vista.

Ao percorrer o lugar, observando o dia-a-dia, a minha intenção era interrogar a memória como elemento relevante da construção coletiva do presente das famílias no local e continuar o debate iniciado na praia sobre as fronteiras indefinidas entre o formal e o informal. Foi escolhida a experiência dos moradores do Vale para relativizar a imagem negativa da favela⁴ carioca associada à violência do tráfico de drogas ou aos danos ambientais e mostrar que os moradores escrevem outra história, que inclui preservação ambiental e geração de renda. O informante principal, no início da pesquisa era o Otávio, dirigente da cooperativa COOVE, indicado pela

ONG franco brasileira Abaquar⁵.

De fato, foi esse resgate da memória, intenção do pesquisador, que gerou emoções no Vale, no contexto da remoção, quando os moradores estavam envolvidos no processo de regularização fundiária.

Evidenciou-se de imediato certo constrangimento ao falar da vida no passado e no presente. Comecei o trabalho de campo entrevistando os moradores mais antigos do local, e depois pensei em organizar oficinas de memória, pedindo aos moradores para contarem histórias, quando pudessem, para levarem fotos da vida na comunidade. Percebi que o local era composto por famílias - “todo mundo se conhece”, foi a frase chave recolhida.

3 - *O Vale está encravado no Alto da Boa Vista, um bairro com nove favelas, dentre elas: Mata Machado, Tijuçu, Agrícola, Furnas, Biquinbas, Ricardinho, Redentor Violão e o Vale Encantado, que se subdivide em: Santo André, Campo João Lagoa, Açude da Solidão e Soberbo. Vale Encantado originou-se de um projeto urbanístico do final da década de 60, que pretendia construir um grande condomínio de prédios – O Enchanted Valley. Apenas um prédio e o clube foram construídos.*

4 - *Sobre a favela carioca ver os trabalhos de Licia Valladares (2005) e sobre a questão da favela e meio ambiente o artigo de Rafael Soares e Bruno Alves França (2010).*

5 - *A cooperativa foi criada entre 2005 e 2006, com apoio de um francês, o Jérôme, hoje presidente da ONG Abaquar www.abaquar.org, acesso em 12/03/2015.*

GEOGRAFARES

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES

Julho - Dezembro, 2016
Nº 22 - Volume 1
ISSN 2175 -3709

6 - Foram considerados como atores periféricos no caso do Vale Encantado: os gestores do Parque Nacional da Tijuca (PNT), o Instituto das Terras do Rio de Janeiro (ITERJ), ambos envolvidos no processo de regularização fundiária.

7 - O mapa da memória, que tornou visível as casas e o nome dos seus ocupantes. <https://www.dropbox.com/s/elve5k67916fr35/Mapa%20da%20Memoria.pdf?dl=0>

Dessa forma, não resultou tão fácil organizar as reuniões coletivas com os membros dessas famílias.

Finalmente, as emoções surgiram através de outras maneiras de trabalhar no campo: a realização de oficinas com crianças, a construção de um mapa da memória, e a organização de um seminário de devolução da pesquisa. Entre esses diversos tempos da pesquisa, foram importantes os contatos, a participação em diversas reuniões do Conselho da Cidadania dos moradores do Alto da Boa Vista (o CONCA), e as entrevistas com atores periféricos⁶. Esse Conselho tem um papel de grande importância: reúne-se de forma regular e sistemática todas as quintas-feiras: depois, suas decisões são votadas em Assembleias Gerais, dando legitimidade àquele grupo das quintas-feiras. Nessas reuniões são analisados os problemas do dia-a-dia. O seu presidente (in memoriam, entrevista de 17 de abril de 2010) apresentou o CONCA como um foro permanente de moradores que quer se manter informal, para o poder público não ter como processar:

Os moradores de comunidades do Parque Nacional também têm direito, da área em torno do Parque, têm direito de participar (...) nós fomos pela insistência... e o diretor do Parque Nacional... indicou o CONCA pra ser Secretário Geral do Conselho. Então isso são conquistas... conquistas da insistência...remoção é crime social!

Depois desses contatos e da primeira oficina com crianças de 6 a 12 anos, chamada “Eu, moro aqui!”, as entrevistas com os moradores suscitaram, às vezes, emoções (*só tristeza*, expressaram alguns) e constrangimento ao falar dos momentos à espera de ser removidos (*medo, muito medo, mas não quero te falar disso*).

Foi na parte devolutiva da pesquisa, no seminário Outro Rio, em agosto de 2010, que as emoções se expressaram melhor. Ao longo de todo o seminário, a restituição procurou recriar a pluralidade das vozes que se expressaram na praia e na floresta. Inclusive a barraqueira Mamá participou um dia inteiro, no Vale Encantado.

A distribuição do mapa da memória⁷ encerrou um passeio com o responsável da cooperativa, exatamente antes do almoço.



Figura 2: Participantes do Seminário Outro Rio, no Vale Encantado, a barraqueira Mamá, distribuição do mapa da memória, ©CReginensi, 19/08/2010.

Uma maneira de colocar em situação o grupo que tinha um conhecimento parcial do Vale, a partir da apresentação da pesquisa. A caminhada, o almoço preparado pelos membros da cooperativa, que nos fizeram descobrir sabores desconhecidos

e refinados, bem como a oficina da tarde, com duas exibições (vídeo da etnografia e vídeo do dispositivo na praia) criaram um espaço/tempo de expressão de sentimentos de medo, de raiva, de indignação, de injustiça. A barraqueira provocou esse

momento, quando explicou como, nesse período de implementação do Choque de Ordem, se sentiu, algumas vezes, excluída da praia onde trabalhava havia mais de 10 anos. A partir dessa intervenção, vários moradores do Vale se expressaram sobre as situações de medo repetidas pelas quais passaram na espera de serem removidos; falaram das noites sem dormir, prestando atenção ao barulho de carros que pudessem chegar na madrugada e levá-los para outro lugar.

Em outubro de 2010, os moradores receberam a notícia de que entravam no processo de regularização. A mobilização parecia ser uma solução apesar da demora do processo e de anos de medo. Os moradores do Vale Encantado estavam para receber o título de posse (final de março de 2015), mas ao mesmo tempo uma notícia assustadora se espalhou nas redes sociais como o Facebook: os moradores do Vale Encantado estão ameaçados de remoção devido a uma ação da Promotoria de Justiça de Meio Ambiente! Novamente o medo e o sentimento de perder a paz podem voltar⁸.

3. Percursos e travessias no Morro da Providência

Observamos como princípio comum a análise dos jogos dos atores envolvidos na esfera local, os recursos intelectuais, financeiros e materiais mobilizados por eles, além dos vetores de legitimação que emergem de níveis e escalas diferentes a partir das suas atuações. A pesquisa no Morro tinha como objetivo analisar as transformações urbanas promovidas pelo programa municipal Favela Bairro. Já nos primeiros momentos, quando aplicamos questionários, descobrimos que o local chamado Pedra Lisa era considerado área de risco, mas seus moradores não tinham sido contemplados pelo programa. Completamos esse material com entrevistas e passeios no Morro. O nosso informante, explicou e realçou a chegada do medo nesta parte do Morro:

(..) Em 1968 houve um deslizamento que soterrou mais de 50 pessoas, a atividade de extração de pedra foi proibida pelas autoridades e partes do Morro foram classificadas como áreas de alto risco, com recomendação formal de remanejar as moradias mais precárias. Em 1975, um segundo deslizamento ocorreu e causou a erradicação das casas localizadas perto da Praça Américo Brum. O fantasma da remoção torna-se cada vez mais presente no território do Morro e cria um clima de insegurança e medo entre os moradores (...) (Maurício, entrevista, Setembro de 2006).

Quatro anos depois da pesquisa, em

26 de abril de 2010, o Morro da Providência recebeu uma Unidade de Polícia Pacificadora. Com isso, a situação de transformação urbanística torna-se mais complexa já que insere o projeto urbano numa política de segurança que vai ser rapidamente objeto de críticas (MACHADO, 2010).

Acompanhei, em abril de 2012, duas alunas francesas (Master em arquitetura), e realizei algumas entrevistas de moradores, em volta da Praça da capela das almas e nas casas recém-construídas, na Gamboa. Ali, as casas do projeto Cimento social foram um cenário de emoções. Três mulheres, mães de meninos mortos durante uma operação da polícia, receberam uma casa do Projeto Cimento social⁹. As mulheres eram vizinhas antes de ir morar nas "casas do Crivella". Uma, nascida e criada no Morro, morava de aluguel, as outras originárias do Nordeste, moravam havia mais de 30 anos no Morro e tinham comprado a casa. Nas entrevistas, realizadas em 2012, se negaram a falar do que aconteceu com os filhos, nas falas das mulheres, mães destacam-se essas expressões: coisa errada, tragédia, uma dor que nunca acaba...

Com a ajuda dos outros filhos, cada uma tentava organizar a vida na nova casa e no bairro da Gamboa. Uma contou que ia visitar regularmente seus antigos vizinhos e amigos que, na hora de se despedir, diziam: "*volta para tua rua!*", falando da nova casa. E a mulher acrescentou: *Nunca eles descem e fico triste, mas não desisto de subir...*

A Praça da capela foi escolhida como campo de estudo em substituição a outro espaço, a Praça Américo Brum que, quando chegamos ao Rio, tinha sido demolida para a obra do teleférico. Ao visitar o Morro, chegando nessa praça que se tornou um canteiro de obras, recolhemos vários depoimentos que expressavam emoções de raiva, medo e *profunda injustiça*.

Uma moradora contou que a Secretaria Municipal de Habitação ofereceu essa alternativa: aluguel social ou um apartamento de dimensões inferiores ao dela, situado em lugar distante do Morro da Providência (Campo Grande) e comentou que ficou *indignada e com muita raiva*.

Logo depois, realizando entrevistas na Praça da capela, essas mesmas emoções estiveram presentes na fala dos moradores que costumavam frequentar a praça demolida, e também estavam com medo do que iria acontecer com eles; já que a maioria das casas no entorno estavam marcadas

8 - <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-21/comunidade-centenaria-no-alto-da-boia-vista-corre-risco-de-remocao.html>, consultado 22/03/2015

9 - *Trata-se de uma iniciativa individual do senador Crivella que usou recursos do Ministério das Cidades. O projeto teve como objetivo realizar reformas habitacionais visando melhorar as condições de habitabilidade. Na realidade, o projeto interferiu nas fachadas de um conjunto de moradias mais visíveis do lado de fora da favela.*



Figura 3: Casas do projeto Cimento social, chamadas “casas do Crivella” ©CReginensi, 16/09/2009

com a sigla SMH + um número, indicando que os moradores seriam removidos: *Para onde? Quando vai acontecer? Ficamos com medo...* foram as frases recolhidas e ao mesmo tempo, os moradores acrescentavam que nunca foram informados pela Secretaria Municipal de Habitação e que descobriram as marcas, abrindo a janela e a porta da casa ou voltando do trabalho no final da tarde. Outros disseram que ficaram chocados e indignados. O desrespeito total para com os moradores e a falta de transparência e participação chamam a atenção, cada vez mais, na cidade maravilhosa. De fato, o contexto das Olimpíadas

de 2016 embasa um projeto de modernização pré-Jogos justificando remoções. Raquel Rolnik, introduzindo o livro de Lucas Faulhaber e Lena Azevedo (2016, p.11), sublinha que o processo de desapropriações e de remoções está baseado numa “lógica de desconstrução de direito e de abertura de uma área da cidade com nova fronteira de expansão do mercado imobiliário”.

Uma nova configuração do jogo de atores torna mais complexa o universo das favelas e dificulta não apenas o cotidiano dos moradores, mas também a possibilidade de pesquisar. No Morro



Figura 4: Casas marcadas, Morro da Providência, ©CReginensi, 9/04/2012

da Providência, depois da implantação da UPP, ficou mais fácil entrar e sair do Morro, mas ao mesmo tempo, surgiram fortes tensões impossibilitando o trabalho de campo baseado em entrevistas. Mas, além de situações de forte tensão, deve ser ressaltada a atratividade da favela como campo de investigação para acadêmicos brasileiros e estrangeiros, ONGs nacionais e locais, artistas e jornalistas. Isso cria, no Morro, um clima de desconfiança e de medo que vem aumentando. Por isso, Nicolas Bautès, geógrafo, na sua última pesquisa como visitante¹⁰ decidiu voltar para o Morro, praticando apenas observações, entrando pelos diferentes acessos que os moradores tinham indicado e resgatando informalmente alguns depoimentos e emoções. A pesquisa de Nicolas Bautès tratava de analisar os jogos de poder e a política no morro. Ao longo dos trabalhos, o pesquisador enfrentou dificuldades não apenas para encontrar seu lugar em uma arena política marcada por tensões, mas também para chegar a uma análise e para restituir os resultados. A política deve ser entendida em referência ao filósofo Jacques Rancière (2003), para quem ela é o ponto de encontro, a confluência, onde se juntam dois processos heterogêneos: o processo que poderia ser chamado de “governo” e o processo de emancipação que é a “política”.

Algumas considerações finais: as emoções como forma de avaliação em situação de mudança

Ao revisitar os três lugares de pesquisa, as emoções tornam-se forma de avaliação para os sujeitos envolvidos em processo de mudança (THÉVENOT, 2005, BOLTANSKI, 1990). Conforme esses autores, a abordagem das emoções leva o pesquisador para além de uma análise de sensações e evidencia o caráter social das emoções e a capacidade dos diferentes atores envolvidos de mobilizar as emoções para avaliar situações de conflito.

Para Simmel (2003), o conflito envolve a relação nascida dele. Nessa perspectiva, cada relação social é marcada por uma dupla dinâmica feita de unificação e divisão. O conflito seria uma das possíveis formas de dinâmica fragmentária. O problema da divergência, do antagonismo ou da adversidade chama a atenção para uma solução na negociação, no confronto ou na fuga, até na separação. Mas o conflito também é o meio pelo qual as entidades

se diferenciam e remete a diferenciação. Neste contexto, a resolução do conflito envolve, necessariamente, a distribuição das forças antagonistas e a criação de novas entidades e, às vezes, de outras formas de submissão.

No material coletado nos três locais, percebe-se que as ações públicas oferecem uma pluralidade de engajamentos possíveis através dos quais os atores buscam expressar suas demandas e constituir justificativas legítimas (BOLSTANSKI, THÉVENOT, 1991).

Nas diferentes histórias recolhidas vem à tona um sentimento de “igualdade na injustiça”. A moral destas narrativas não é a união contra um inimigo comum, mas sim a identificação entre aqueles que sofrem as mesmas injustiças. Os diferentes protagonistas das histórias na orla, no Vale e no Morro da Providência constroem um mundo moral e cada um torna-se uma pessoa moral.

Esta moral não é enunciada como um conjunto de princípios abstratos. Ao contrário, moral é um processo de cultivo de si e como uma construção de carreiras morais. Conforme Goffman, as carreiras morais correspondem a sequências de ajustes pessoais e a experiências morais estigmatizantes (1975).

As pesquisas na orla (Reginensi, op.cit.) permitem observar como se constroem cenários locais, formas de arenas públicas (CEFAI, 2007) destacando as características seguintes: 1) Palcos em movimento e múltiplos atores em *performance*, 2) Embates, resiliência, negociações e/ou compromissos e/ou conflitos, 3) Dispersão.

No caso dos barraqueiros, a indignação e o sentimento de injustiça levam vários deles a avaliar permanentemente a situação de trabalho na orla e a procurar melhorias no atendimento aos frequentadores. A barraqueira Mamá se destacou nesse cenário: tentou oferecer chuveiro, mas sem o barulho da bomba, que ocasiona poluição sonora e foi para a CEDAE pedir (companhia da água) um relógio para medir o consumo de água e pagar a conta. A sua solicitação foi negada: a resposta foi que os barraqueiros estão na ilegalidade e não deveriam colocar chuveiro.

No Vale Encantado, apesar do medo, vários moradores se mobilizaram e participaram da criação da Cooperativa. Esse projeto da cooperativa está gerando um *território de projeto* unindo três comunidades: Vale Encantado, Açude e Campo

10- Pesquisador da FAPERJ no período da operação policial chamada Fortaleza, em 2013, que levou à prisão policiais envolvidos com o tráfico de droga.

11- *Sobre reconhecimento da cidadania no Brasil e conflito pelo meio ambiente confira Fabio Reis Mota, 2013 <http://revista-dil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-7-1-Art2.pdf>, consultado em dezembro de 2013*

João Lagoa. Na contramão do discurso que insiste em acusar os moradores de expandir os territórios das favelas com a construção de mais casas, os moradores do Vale, sem aumentar o número de casas existentes, se expandem divulgando o projeto da cooperativa e oferecendo um local de atividade econômica para as pessoas sem trabalho ou com baixa renda.

No Morro da Providência, as três mulheres das casas do Cimento Social disseram gostar da nova casa e explicaram porque: essa casa é maior que a casa que ocupavam na outra parte do Morro, é bem situada, de acesso mais fácil para ir às compras ou acompanhar os netos à escola. Uma acabou dizendo que se acostumou com a nova casa porque não tinha alternativa. Outra afirmou que nunca iria mo-

rar no programa Minha casa minha Vida, longe do Morro. A oportunidade de ter casa própria na Providência foi avaliada como a “solução”, no momento pesado do assassinato dos filhos e também como a possibilidade de se recuperar e continuar morando perto dos parentes e amigos. As emoções interferem permanentemente na vida desses moradores e, poderíamos dizer de milhares de pessoas removidas que contam suas histórias particulares (FAULHABER, op.cit.,).

Os diferentes atores buscam o reconhecimento de sua dignidade moral e a sua consideração como verdadeiros cidadãos¹¹ e, assim, alguns convertem os condicionamentos, os períodos de conflito em oportunidades para exercer a cidadania na cidade ordinária.

Referências Bibliográficas

BAUTES, Nicolas., REGINENSI, Caterine., « Percursos e Travessias no Morro da Providência: Desafios das Interações Sociais e Espaciais no Jogo Formal/Informal”; Revista *Libertas*; v.13, n.2, 2013 <http://libertas.ufff.emnuvens.com.br/libertas/article/view/2753> Acesso em 12-03-2015

BOLTANSKI Luc., *L'amour et la justice comme compétence*, Paris, Éd. Métailié, 1990, 560p.

BOLTANSKI Luc., THÉVENOT, Laurent. *De la justification. Les économies de la grandeur*. Paris : Gallimard, 1991, 483p.

CEFAI, Daniel, *Pourquoi se mobilise-t-on ? Les théories de l'action collective*. Paris : Revue du MAUSS, 2007,727p.

FAULHABER, Lucas., AZEVEDO, Lena., SMH 2016, *Remoções no Rio de Janeiro Olímpico*. Rio de Janeiro, Mórula Editora, 2016

GOFFMAN, Erving, *Stigmaté*. Éditions de Minuit, coll. « Le Sens Commun », 1975

MACHADO SILVA. Luiz. Antônio, "Violência urbana", segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual, *Cad. CRH*, vol.23 n°59, Salvador May/Aug. 2010

RANCIERE, Jacques, *Aux bords du politique*, Paris, Folio, 2003, 272p.

REGINENSI, Caterine. *A la rencontre des vendeurs ambulants et autres informels*. Saarebruck, Editons Universitaires Européennes. 2012, 280p.

RENARD, Jean -Bruno. *Rumeurs et légendes urbaines*. Paris: Les PUF, 1999,124p.

ROBINSON, Jane. *Ordinary Cities. Between Modernity and Development*. London/New York: Routledge, *Questioning Cities Series*, 2006, 224p.

SIMMEL, Georg., *Le conflit*, Paris, Éditions Circé, 2003

SOARES GONÇALVES, Rafael, FRANÇA, A. Bruno., *Entre o muro e a remoção: meio ambiente e favelas no Rio de Janeiro*. In Cabral, M.F.M.G, Barbosa, M.J.de Souza, *Cidade e sustentabilidade: Mecanismos de controle e resistência*, Rio de Janeiro, Terra Vermelha editora, pp. 263-278, 2010

THÉVENOT, Laurent. *Émotions et évaluations dans les coordinations publiques*. In IN, P. PAPERMAN . et R. OGIEN. *Raisons pratiques. La couleur des pensées. Sentiments, émotions, intentions* Paris: EHESS, pp. 145-174, 2005.

VALLADARES, Lícia., *A invenção da favela: do mito de origem à favela carioca*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, 204p.